

VENDO E APRENDENDO A MUDAR O MUNDO • por Washington Novaes

Jornalista

Nenhum dos presentes, naquela noite fria de junho de 1999, ao Teatro São Joaquim, na cidade de Goiás, tinha a mais remota idéia do que viria a ser, com o passar dos anos, o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, que ali abria sua primeira edição, embora já concorressem 154 produções de 17 países, com o júri composto por representantes da Alemanha, de Cuba, da Espanha, estando presente também uma índia brasileira, Kaingang Azilene.

Às vésperas do VIII FICA – como passou a ser chamado –, nos impressionamos com a trajetória do evento e, além da oitava edição, ainda com a realização do I Festival dos Festivais de Cinema e Vídeo Ambiental. Além de Goiás, haverá a participação de filmes vencedores e indicados pelos festivais ambientais da Itália, Grécia, Espanha, Portugal e Emirados Árabes Unidos.

Sete anos depois, a idéia lançada por Jaime Sautchuk e pelo falecido Gonzaga, encampada e levada adiante ao longo desse tempo por Nasr Chaul e Paulo Souza Neto, com a participação de muita gente, de Goiás e de fora, tornou-se referência dentro do país e no exterior, como pode testemunhar quem também participa de alguns dos mais importantes festivais do gênero, como os da Itália e de Portugal. Uma caminhada tão surpreendente que, nos últimos anos, teve-se de “apertar” os critérios para participação de produções no festival, assim como para premiação. Primeiramente, decidiu-se que o júri de pré-seleção só selecionaria para a mostra final produções que tivessem um foco específico nas chamadas questões ambientais. Não basta ter qualidade cinematográfica, o que assegura ao FICA um lugar único entre tantos festivais é o seu caráter ambiental. E levando em conta que em 2005 foram inscritos quase 900

produções de mais de 80 países, decidiu-se também limitar a possibilidade de inscrição aos filmes e vídeos feitos do ano passado para cá (e não mais nos dois anos anteriores).

Tão significativo quanto o êxito do festival é ele ter sido um dos pontos de partida de um processo que se poderia chamar de desenvolvimento sustentável na cidade de Goiás. Sede de um município tradicionalmente voltado para a agropecuária – e às voltas com os problemas de um modelo com evidentes sinais de fadiga –, a ex-capital ganhou vida nova a partir da junção do FICA com o reconhecimento da cidade, pela Unesco, como patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Goiás ganhou primeiro um projeto de recuperação (e restauração, após a grande inundação do final de 2000) da área histórica, retirada da poluição visual, implantação da linda iluminação, restauração da praça do Coreto e do Teatro São Joaquim. Depois, o desassoreamento do rio Vermelho e replantio de matas ciliares; uma rede moderna de coleta de esgotos, sem prejudicar o velho e belo calçamento das ruas; o parque estadual da Serra Dourada; um projeto integrado para a área do lixo, que já resultou na implantação de uma usina de triagem de materiais para reciclagem, e que ainda precisa ser completado com a coleta seletiva domiciliar; integração dos artesãos e aproveitamento de materiais; unidade industrial de reciclagem (para transformação do plástico, papel e papelão – estes últimos, em telhas aptas a substituir as de amianto) – e de compostagem, esta acoplada com os 22 assentamentos de reforma agrária no município, para utilização do fertilizante em agricultura orgânica que poderá gerar mais renda.

Com a visibilidade nacional e internacional que o reconhecimento da Unesco e o FICA proporcionaram, a hotelaria e os serviços de alimentação ganharam

força na cidade. Outros eventos – como o recente festival de poesia – passaram a buscar Goiás como sede. Para completar, só falta a implantação da escola de cinema sugerida em 2004 pelo cineasta Walter Lima Jr. e pelo extraordinário diretor de fotografia Dib Lutfi, encantados com a luz de Goiás e os cenários da cidade e da serra. Esta idéia foi levada ao secretário Nasr Chaul e por ele transmitida ao governador Marconi Perillo, que imediatamente aceitou-a, com a decisão de que o projeto fosse implantado pela Universidade do Estado de Goiás, o que infelizmente ainda não aconteceu. Mas acontecerá, em algum momento, porque o processo é muito forte e tem muitos aliados, como o pessoal do cinema e do vídeo, os artistas plásticos que tanta contribuição deram (Siron Franco, DJ Oliveira, Ana Maria Pacheco, Amaury Menezes, Kleber Gouvêa, Kátia Jacarandá, entre outros), e músicos que têm participado de shows memoráveis.

O Estado de Goiás também colhe muitos frutos do processo. A exibição e premiação de produções goianas em todos os festivais na mostra oficial, nas da ABDG e em outras têm significado um forte incentivo à área do cinema e do vídeo. A capacitação profissional é outro ângulo importante, com oficinas ministradas por profissionais do porte de Walter Lima Jr., João Paulo Carvalho, Shell Jr., Dib Lutfi, Eduardo Escorel, para citar só alguns; cursos a cargo de Ismail Xavier, Maria Rita Kehl, Horus Vital Brazil; discussões esclarecedoras com Zuenir Ventura, Zivaldo, Mário Borgneth, Manoel Rangel e Fernando Gabeira. De todo o processo resultou a criação de um programa na TV Brasil Central, o *Doc.TV*, que seleciona e financia a realização de roteiros goianos.

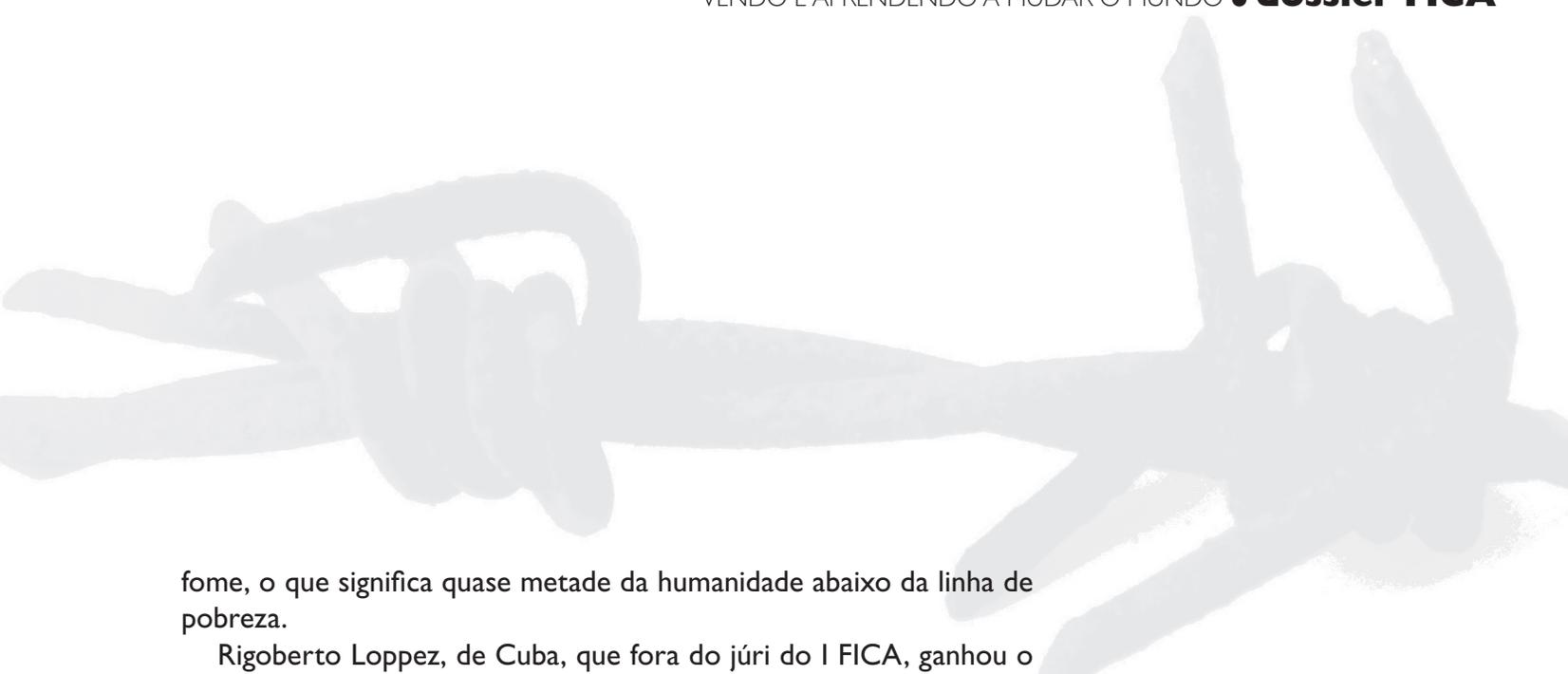
Pairando sobre tudo, nos sete festivais até então realizados, a cidade de Goiás tem-se transformado no centro de pensamento que liga o cinema e o

vídeo ao meio ambiente – e que é poderoso agente de transformação no país e no mundo.

Convém sempre lembrar que é o cultural que abre caminho ao econômico. Foi com a disseminação dos filmes de Hollywood no mundo que se tornou possível a qualquer habitante conhecer o “*american way of life*” – e com isso escancarar as portas de todos os países para os bens que o sustentavam: o automóvel, o refrigerador, a televisão, o computador etc.

No FICA, pudemos ver todos os problemas que os nossos modos de viver, baseados em boa parte nesse e em outros modelos que importamos, trouxeram para o nosso planeta. E que já resultam na mais grave crise, que ameaça a própria sobrevivência da humanidade, como tem ressaltado o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. São alguns deles as mudanças climáticas, decorrentes das matrizes energéticas poluidoras da atmosfera, e os padrões insustentáveis de produção e consumo, já mais de 20% além da capacidade de reposição da biosfera terrestre, e que vem aumentando de ano para ano.

Teremos, por isso, de repensar o próprio padrão civilizatório. E o cinema e o vídeo – dos quais o FICA traz um panorama universal – nos ajudarão nessa tarefa. Desde o primeiro grande premiado do festival – “Recife de dentro para fora”, da pernambucana Kátia Mezel – estamos vendo isso. Se o filme era uma incrível produção em que os versos de João Cabral de Mello Neto, cantados por Elba Ramalho, Alceu Valença e Zé Ramalho (que sacada!), nos ensinavam a ver as belezas do rio Capiberibe, por outro lado também mostravam quanta pobreza e degradação se juntaram em suas margens – exatamente por causa da concentração de renda, dos padrões de produção e consumo que afligem o mundo e se traduzem em mais de 800 milhões de pessoas que passam



fome, o que significa quase metade da humanidade abaixo da linha de pobreza.

Rigoberto Lopez, de Cuba, que fora do júri do I FICA, ganhou o segundo prêmio, com *Puerto Príncipe Mio*, um retrato do Haiti em que as plantações de cana-de-açúcar voltadas para a exportação destinada aos países ricos expulsaram a população pobre para a periferia da capital, onde os miseráveis da terra têm de pagar uma exorbitância pela água explorada por gangues donas de bicas.

E assim foi, de ano para ano. Todo mundo aprendendo com *The bottom line: privatizing the world*”, um dos grandes vencedores, os caminhos pelos quais vai acontecendo a privatização do conhecimento sobre a vida – quando não da própria vida: a água, a biodiversidade, os genes – e as conseqüências que isso tem, para os que não podem pagar. Ou com *Surplus*, outro vencedor, mostrando como é dramático o domínio que o poder econômico vai assumindo no planeta, transformando os formatos políticos em meras fachadas (pode-se discordar das conclusões do vídeo – “soluções, só à força” –, mas é difícil contestar o diagnóstico). E é assim com produções premiadas sobre a poluição e a privatização da água, com as catástrofes geradas por agrotóxicos e lixo tóxico, até com questões polêmicas (pelo menos em Goiás) como a do amianto, tema do último grande vencedor, em 2005.

Vendo e aprendendo, seria possível sintetizar. Vendo o mundo e o Brasil. Aprendendo a transformar Goiás por caminhos sustentáveis. E muito bonitos: alguém já viu um lugar mais alegre, mais charmoso, mais simpático do que Goiás durante um FICA? ✨